

É com grande satisfação que iniciamos, a partir deste momento, o debate científico do I Simpósio de Pré-História do Nordeste. Digo grande satisfação primeiro pela realização do evento em si, que é mais uma oportunidade, mais um espaço que se abre, para que possamos discutir nossos problemas e acima de tudo, também, nos encontrar.

Também é uma satisfação muito grande ver colocada na primeira Mesa Redonda que abre este Simpósio, o tema “O Homem no Pleistoceno”.

Não poderia haver coisa mais gratificante para nós que temos a Arqueologia no sangue. Até bem pouco tempo não nos atrevíamos a discutir populações humanas pleistocênicas no Brasil. Uma ou outra voz de forma isolada insistia no tema, mas muitas vezes por falta de dados concretos, essas vozes ficavam no vazio.

Ainda em 1980, talvez um pouquinho antes, os dados que possuíamos situavam esse debate, no máximo, no limite entre o Pleistoceno e o Holoceno. Mas foi também, a partir desse mesmo período, que começou a ganhar corpo a Arqueologia das áreas abertas do cerrado e da caatinga, mais notadamente do Nordeste, no Planalto Central e parte de Minas Gerais. E uma série de dados foram se acumulando de tal forma que provocaram uma modificação muito grande em todo o panorama da Pré-História Americana. Mas não só nesse sentido, também provocou uma revolução na nossa forma de pensar sobre dados novos, sobre temas novos, e também está provocando uma revolução na nossa forma de pensar ou de repensar dos dados antigos, que de tão antigos, de tão sedimentados pareciam até intocáveis. Hoje nós não temos mais dúvidas de que as populações que ocupam as extensas áreas do Planalto Central brasileiro e do Nordeste, eram muito mais antigas do que imaginávamos até então. E que os habitantes dessas áreas das savanas tropicais, desenvolveram culturas próprias, diferentes dos modelos até então conhecidos para as outras áreas do Continente. Não temos mais dúvidas também, de que algumas áreas do território nacional, como o Nordeste por exemplo, funcionaram como centros formadores e irradiadores de cultura. E a nossa própria concepção sobre Pré-história da América e Pré-história brasileira já começou a mudar a partir do acúmulo desses dados novos que começaram a surgir.

Hoje nós não podemos mais imaginar ou explicar nossa Pré-história como se fosse uma sucessão de levas populacionais, vindas através do istmo do Panamá e descidas através dos contrafortes da Cordilheira dos Andes.

Velhos temas, como aquele que trata, por exemplo, das origens do homem americano, terão que ser rediscutidas dentro dessa nova ótica. E mais que nunca, a Arqueologia precisa do socorro de uma série de ciências de outras áreas do conhecimento humano, com a Geologia, a Geomorfologia, a Palinologia, a Paleoclimatologia, e outras ciências. Mas do que nunca, essas ciências têm que caminhar juntas para que possamos montar o mosaico cada vez mais exato da Pré-história do território nacional.